

# LEITURA MATERIALISTA LACANIANA DA PERSONAGEM MARIA SARA DA OBRA DE JOSÉ SARAMAGO

## LACANIAN MATERIALISTIC READING OF THE CHARACTER MARIA SARA OF THE WORK OF JOSÉ SARAMAGO

Maria Betânia da Rocha de Oliveira<sup>1</sup>

Eu entendo-me sempre melhor com uma mulher do que com um homem A conversa é sempre mais solta, mais descontraída. Eu acho que a relação com as mulheres é mais direta...  
(José Saramago)

**Resumo:** Este artigo analisa Maria Sara, da obra *História do Cerco de Lisboa* sob a perspectiva do Materialismo Lacaniano de Žižek. A narrativa retrata a História de Portugal, mas a transforma em uma trama intertextual que transcende o literário, criando novas narrativas ao entrelaçar ficção e realidade. Saramago explora as questões existenciais e sociais que afligem o ser humano, refletindo seu interesse pelo histórico e pelo social. Utilizando a teoria de Žižek, que se baseia no materialismo dialético e histórico, o artigo examina como essas questões se manifestam na obra, especialmente através das três instâncias do Real, Imaginário e Simbólico. Essas categorias estruturam a existência do protagonista em sua relação com Maria Sara e estabelece, por extensão, a relação entre eles e o grande Outro que movem seus caminhos na instância do Simbólico. Assim, a análise ressalta como Saramago utiliza a história para discutir problemas humanos em uma perspectiva que extrapola a ficção literária. Fato que atesta o inquietante interesse de Saramago pelo histórico e pelo social e sempre numa relação entre o ser humano e os problemas que afetam a sua convivência na sociedade.

---

<sup>1</sup> Doutora em Estudos Literários (UEM). Professora Titular da Universidade Estadual de Alagoas. E-mail: mariabetania.oliveira@uneal.edu.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9862-2857>

**Palavras chaves:** Análise social; Tríade Simbólica; Žižek e o grande Outro

**Abstract:** This article analyzes Maria Sara, from the History of the Siege of Lisbon from the perspective of Lacanian materialism of Žižek. The narrative portrays the history of Portugal, but transforms it into an intertextual plot that transcends the literary, creating new narratives by intertwining fiction and reality. Saramago explores the existential and social issues that afflict the human being, reflecting his interest in the historical and the social. Using Žižek's theory, which is based on dialectical and historical materialism, the article examines how these issues manifest themselves in the work, especially through the three instances of the real, imaginary and symbolic. These categories structure the existence of the protagonist in their relationship with Maria Sara and establishes, by extension, the relationship between them and the great other that move their ways in the instance of the symbolic. Thus, the analysis emphasizes how Saramago uses history to discuss human problems from a perspective that goes beyond literary fiction. Fact that attests to Saramago's unsettling interest in history and social and always in a relationship between the human being and the problems that affect their coexistence in society.

**Keywords:** Social analysis; Symbolic triad; Žižek and the great other

## Introdução

José Saramago (1922-2010) é apontado pela crítica literária como a maior expressão da literatura portuguesa contemporânea. Em suas obras, que incluem contos, romances, ensaios, poemas e textos jornalísticos, Saramago adotou um estilo que lhe peculiar: reinventou a sintaxe e a pontuação, mas são os temas e, principalmente, a forma como eles são abordados que despertam o interesse de leitores e de críticos. (ROANI, 2002).

Ao incorporar o fazer literário às questões sociais, culturais, religiosas, Saramago não ape-

nas propõe um diálogo entre a literatura e os temas mais recorrentes do mundo contemporâneo, uma vez que segundo Moisés (1992), o estilo saramaguiano faz uso de experiências diárias de forma variada e múltipla que extravasam um espaço próprio, como se as palavras ganhassem algo mágico e imaginário capaz de converter assuntos corriqueiros em obras literárias. Em outras palavras, a leitura de Saramago acrescenta ao leitor, além de uma experiência literária irreverente, provoca-lhe uma inquietante busca por respostas.

Algumas de suas obras trazem a História de Portugal, mas Saramago não realiza apenas uma transposição do plano histórico para o da ficção, como podemos observar em História do cerco de Lisboa, publicada em 1989. Nesta narrativa, a História de Lisboa ganha dimensões intertextuais e extrapola o fazer literário, uma vez que a partir de um fato histórico narrado sobre a perspectiva da ficção, outras narrativas literárias surgem, e sempre numa interlocução entre o real e o imaginário da literatura que se confundem com a História. No centro dessas histórias está o homem e todas as suas problemáticas existenciais, fato que atesta o inquietante interesse de Saramago pelo histórico e pelo social e sempre numa relação entre o ser humano e os problemas que afetam a sua convivência em e na sociedade.

Essa característica da escrita de Saramago pode ser explicada com as palavras de Roani (2002, p. 17) “Percebe-se que seu objetivo não é apenas distrair o leitor, mas sim agir sobre ele, fazê-lo questionar, levantar polêmica através da reflexão e revisão crítica do mundo em que vivemos.”

E, nessa perspectiva, apresentamos uma análise do romance História do cerco de Lisboa (1989) sob o viés do materialismo lacaniano - a teoria contemporânea de Slavoj Žižek – uma linha de pesquisa que foi estruturada a partir do materialismo dialético e histórico com vistas a analisar as questões sociais, econômicas e políticas a partir da releitura que Žižek faz de Lacan para pensar os problemas do homem numa dimensão que exclui o tratamento clínico psicológico.

Seguindo essa linha de pensamento, o objetivo deste estudo é aplicar o referencial teórico proposto por Žižek tomando como base os conceitos de Real, Simbólico e Imaginário, uma vez que o personagem protagonista Raimundo Silva transita no nível Simbólico e, como não se ajusta às normas

e às regras da realidade a ele impostas como revisor de livros, seu Imaginário projeta suas angústias no desejo de se tornar autor de suas próprias histórias, desejo este que não é seu, e sim do Outro.

Em termos lacanianos, o homem nunca está sozinho e é por meio de uma rede complexa de interação com outros seres que esse ser circula dentro do mundo Simbólico, ou seja, por não se ajustar àquela realidade, Raimundo Silva se constitui com um vazio, mas por nunca está sozinho, ele passa a ser guiado pelo grande Outro – uma instância virtual que assume um papel muito importante na vida do personagem, que é o de guiar, de coordenar e o de orientar os passos desse indivíduo dentro do seu espaço Simbólico.

Dentro dessa perspectiva teórica, apresentamos a personagem Maria Sara como um instrumento da vontade desse grande Outro, pois é a partir do comportamento, das ações e das falas dessa personagem feminina que Raimundo Silva iniciará, efetivamente, a busca de sua completude existencial. Elegemos esta personagem porque ela nos forneceu os elementos necessários para destacar a presença da mulher - uma temática recorrente nos textos de Saramago, sob um novo aporte teórico – que é o grande Outro. Apesar de o grande Outro já agir sobre Raimundo Silva, sua ação mais enfática (momento em que ele escreveu o “não” que alterava a História do cerco de Lisboa), será só a partir da entrada de Maria Sara na história que o grande Outro ganhará maiores dimensões. É esta personagem feminina que sustentará a existência de o grande Outro, conforme detalharemos a seguir.

### **Maria Sara e Raimundo Silva – entre a sedução e os olhos do grande Outro – a força da personagem feminina**

A narrativa da História do Cerco de Lisboa (SARAMAGO, 2003)<sup>2</sup> conta a história do personagem Raimundo Benvindo Silva, um revisor de textos que, apesar de experiente e respeitado pela

---

2 A primeira publicação da *História do cerco de Lisboa* é de 1989. Para este estudo utilizaremos a versão publicada: SARAMAGO, José. *História do cerco de Lisboa*. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de São Paulo, 2003. Uma coleção idealizada e produzida por MIFANO COMUNICAÇÕES – Brasil e MEDIASAT GROUP – Espanhol.

editora para a qual prestava seus serviços, era humilde e mantinha uma vida monótona, sem as peripécias que as narrativas de ficção apresentavam. Mas uma ação inesperada, um simples “não” acrescentado a um fato narrado em seu último trabalho, dá uma virada na existência desse personagem que não estava fadado ao plano linear da história.

Esta obra de José Saramago é “cercada”<sup>3</sup> de histórias que envolvem os fatos da História do cerco de Lisboa, e os vários questionamentos sobre as produções literárias será analisada pelo viés do materialismo lacaniano, cuja ênfase recairá na análise da personagem Maria Sara e o grande Outro, uma vez que este conduzirá a existência de Raimundo Benvindo Silva dentro da tríade Simbólica - Simbólico, Imaginário e Real.

A partir do exposto acima, apresentamos uma nova perspectiva de leitura para a História do Cerco de Lisboa (2003), isto é, destacamos como ponto central a presença e as ações da personagem Maria Sara sobre a vida do personagem Raimundo Benvindo Silva a partir das instâncias da Tríade Simbólica, a saber o Simbólico, o Imaginário e o Real, uma vez que tal como proposto pelo materialismo lacaniano, a realidade como um todo, tal qual nós a concebemos é composta dessas três instâncias.

De acordo com Žižek (2006, p. 8), o Simbólico, o Imaginário e o Real são instâncias responsáveis pela composição do homem na sociedade e sempre num movimento que determina sua completude por meio de certa falta/excesso, isto é, o indivíduo, enquanto ser pertencente à sociedade, vive numa constante e permanente busca para se ajustar à ordem Simbólica e sempre num processo de desintegração e negatividade, isto é, o homem se constrói a partir de suas falhas e de suas distorções negativas. Em outras palavras, a realidade social do homem é construída a partir de um movimento que é, dialeticamente, construído e desconstruído, a partir de sua interação com outros seres.

Em termos žižekiano, a instância do Simbólico corresponde à convivência do ser na socie-

---

3 Utilizamos este termo para nos referirmos ao fato de que o romance aborda em sua temática várias histórias – a História real da tomada do Cerco de Lisboa, a história do revisor da editora – Raimundo Benvindo Silva, a história que será reescrita após o fatídico “não” acrescentado à História de Lisboa e, ainda, a história do romance entre os personagens fictícios e o romance entre Raimundo e a supervisora Maria Sara, sendo esta personagem a temática central desse estudo.

dade, uma vez que nesse nível, o homem estrutura sua existência de acordo com as regras e com as normas que estabelecem a sua socialização enquanto indivíduo de uma dada sociedade. Ou seja, se os comportamentos são definidos a partir dos códigos e das leis estabelecidos pelo Simbólico, o Imaginário é estruturado pelo simbólico, uma vez que enquanto pertencente à ordem do significado é essa instância quem organiza os significados e seus processos evolutivos. Em outras palavras, o Simbólico, que atua como significante, dita as regras de convivência em sociedade, mas é no plano do Imaginário - o significante - que são construídas as imagens e as representações das coisas que circundam a existência do ser.

Mas para a composição dessa realidade, há uma terceira instância – o Real<sup>4</sup>; caracterizado fora do plano da linguagem, esse nível é indizível, porque escapa do plano daquilo que o homem consegue mentalizar. Žižek (2010) explica que Lacan define esse Real com R maiúsculo porque é um excesso, algo que o homem não consegue mentalizar e, por estar fora do plano das palavras ou das imagens, o Real explode por meio de um evento traumatizante – físico ou psicológico.

Segundo Lacan, no Seminário RSI (1974-1975), é o entrelaçamento perfeito entre o Simbólico, o Imaginário e o Real, que ele denominou de “nó borromeno”, que estabelece uma unidade entre as três instâncias da tríade, uma vez que esse “nó”, ao amarrar os três níveis, garante o movimento da vida humana. Em outras palavras: as imagens construídas no plano do Imaginário sustentam o Real na dimensão Simbólica, uma vez que a ruptura de uma das instâncias, provoca o desligamento de todas. Dessa forma, o homem não pode pensar a realidade tranquila só constituída do Simbólico e do Imaginário, o Real faz parte da realidade humana (ŽIŽEK, 2010).

E, a partir dessa linha teórica, destacamos que o personagem Raimundo Benvindo Silva é

---

4 O Real é uma das instâncias da Tríade Simbólica – O Simbólico corresponde às regras estabelecidas para a convivência na sociedade, o Imaginário está relacionado à forma como o homem tenta se ajustar no plano do Simbólico, isto é, como ele molda os vários elementos que permeiam sua realidade, ou seja, quais os significados que o indivíduo dá a esses elementos, mas sem alterar as regras do Simbólico. O Real é o excesso dessa realidade. Ele surge quando o Imaginário não consegue mais sustentar a integração Simbólica da vida. Por isso o Real é sempre um evento traumático. Por se tratar de apenas um capítulo – um estudo breve e inicial – a proposta não estenderá a aplicação do Real para análise dos personagens.

um ser que busca se ajustar à ordem Simbólica por meio de um processo que envolve uma “falta”, que corresponde ao vazio de sua existência de revisor de textos e o desejo de escrever suas próprias histórias, conforme já anunciado desde as primeiras linhas da narrativa “Os senhores autores vivem nas alturas”, (SARAMAGO, 2003, p. 9) a eles é dado o prazer da mudança, mudança essa que ganha status de requinte, de transfiguração. Paralelo a isso, cabe ao revisor “o precioso saber em despiciências e insignificâncias, letras feridas, trocadas, invertidas, classificadas como defeitos”. (SARAMAGO, 2003, p. 9).

Esse processo caracterizado por uma “falta” ou “vazio” existencial do ser pode se caracterizado como uma busca dolorosa para a sua integração, enquanto sujeito daquele mundo. Ou seja, ao moldar os elementos de suas reais funções profissionais, adaptando-os às suas pretensões literárias, Raimundo não altera as regras do plano Simbólico a serem seguidas, uma vez que são essas normas – que caracterizam o significante - que embasarão, por meio dos significados incorporados, a busca por sua completude existencial que corresponde às suas tentativas de adequar-se àquela realidade já estabelecida.

A narrativa segue, inicialmente, apontando a relação entre o trabalho do revisor e o do autor. Em termos lacanianos, podemos associar a relação que o personagem estabelece com suas atividades de revisão com o funcionamento da tríade, uma vez que no plano do Simbólico, o revisor buscar a socialização por meio dos significados que tenta incorporar ao significante, como, por exemplo, quando depois da cobrança da editora, Raimundo se dá conta que tem tempo para fazer uma última leitura, aquela feita como um leitor comum, pois das 437 páginas do livro, em 293 páginas já fizera a verificação das emendas. Enfim, teria tempo de finalizar o árduo trabalho e ainda lhe restaria tempo para ler sem a obrigatoriedade do ofício e teria “finalmente o prazer e a felicidade de compreender de uma maneira livre, solta, sem desconfianças” (SARAMAGO, 2003, p. 34). Assim, a liberdade que não era permitida a ele – o revisor – poderia ser experimentada pelo Raimundo leitor.

Nessa perspectiva, destacamos que o conflito existencial de Raimundo Silva está relacionado a um vazio, isto é, a uma lacuna entre o seu ofício de revisor e o seu desejo de experienciar outras

versões e, até mesmo, de ser autor de suas próprias histórias, já que não se contentava, de fato, com a forma com que as histórias eram apresentadas, como, por exemplo, quando disse ao autor da História do cerco de Lisboa que gostava do livro, mas “se tratava dum gostar sem cor” (SARAMAGO, 2003, p. 34), pois, mais uma vez em seu trabalho de revisão não encontrara nenhum fato novo, “Apenas mais uma repetição das mil vezes contadas e exaustas histórias do cerco.”(SARAMAGO, 2003, p. 35). Ou seja, Raimundo Silva buscava algo novo para sua vida profissional, algo, como as peripécias que alteravam a monotonia dos personagens fictícios da literatura.

Sobre a constituição do ser, enquanto sujeito de uma sociedade, a teoria žižekiana afirma que a existência humana é marcada por uma eterna busca para preencher uma lacuna, um buraco, uma espécie de “falta” inconsciente, cujos resultados se traduzem em concepções ideológicas associadas à realidade já posta. No caso do personagem Raimundo Silva, ele é um revisor pacato, cumpridor de seus deveres, que levava uma vida sem surpresas, bem cronometrada e sem amores (é solteiro e não pensa em casar-se), até o momento em que “aquele homem ordenado, um revisor no absoluto sentido da palavra” (SARAMAGO, 2003, p.34), percebe que por trás de seu espírito conservador, “preso” às conveniências, há um falcão que pode realizar seu ofício “tal qual Romeu quando olhou pela primeira vez Julieta, inocente, trespassado de amor”. (SARAMAGO, 2003, p. 34).

Esse fato direciona nosso olhar para a personagem Maria Sara, cuja entrada na vida do revisor Raimundo Silva abala a existência desse personagem dentro de uma ordem Simbólica, ordem esta que é, é segundo Žižek (2010, p. 16) “a constituição não escrita da sociedade, é a segunda natureza de todo ser falante”, uma vez que é ela quem dirige e controla todas as ações do homem.

Na narrativa, Raimundo Silva é apresentado como um ser que vivencia um conflito que envolve a realidade de seu trabalho como revisor de livros de uma editora e o imaginário que permeia sua existência dentro de uma ordem Simbólica. Mas o “não” acrescentado àquele fato histórico não apenas alterou o percurso preestabelecido de sua vida. Aquele “não”, não foi um erro proposital, ele é resultado de um processo natural de escolha, ou seja, foi a sua opção de vida definida a partir da forma de como ele se relacionava com o mundo.



Žižek (2010, p. 23) explica que momentos como este vivenciado pelo personagem está dentro de uma dimensão performativa, resultado de uma atividade da linguagem que “é uma metaescolha, isto é, uma escolha da própria escolha, uma escolha que afeta e muda as próprias coordenadas de meu escolher”. E, seguindo essa linha teórica, destacamos que é nesse momento que a presença feminina – Maria Sara surge, e com ela os enigmas do grande Outro, que já circundavam a existência de Raimundo, ganham maiores dimensões, ocupando, de fato, sua função de “controlar” sua vida.

Em termos lacanianos, o grande Outro, (com O maiúsculo) é uma instância que fornece aos indivíduos as coordenadas para que eles possam circular no Simbólico e, por operar no nível do Simbólico, o grande Outro está sempre presente na relação humana, agindo como uma instância onipresente e invisível capaz de guiar o indivíduo pelo mundo, seja personificado como um “Deus” poderoso que a todos protege, seja como uma “Causa” que move o homem, ou de outras formas<sup>5</sup>.

A forma, como as angústias profissionais do personagem é delineada, que perpassa toda a trama pode ser observada a partir desse grande Outro, reitera o funcionamento da tríade laciana (Simbólico, Imaginário e Real), conforme podemos atestar no trecho em que Raimundo avaliava os fatos narrados sobre a História do cerco de Lisboa a partir da veracidade das palavras e do imaginário que a elas poderia ser incorporado, “(...) mas só neste instante é que Raimundo Silva deu por ele, talvez por causa do grande e súbito silêncio que dentro de si se fez” (SARAMAGO, 2003, p. 35). Ou seja, os questionamentos sobre o processo de leitura, que é o trabalho dos revisores de textos, são colocados em confronto direto com o trabalho de escrita dos autores por meio do grande Outro, e é este quem apresenta a Raimundo Silva os pontos que devem fundamentar o sentido de sua vida.

Seguindo essa linha teórica, destacamos que o personagem Raimundo Silva revela que as muitas características do grande Outro de Žižek (2010, p.16) “se perdem nessa noção simplificada de sua segunda natureza”, uma vez que, no mundo Simbólico representado, a personagem Maria Sara

---

5 ŽIŽEK (2010) explica que, apesar de o grande Outro ser o responsável por fundamentar a existência do homem, ele é uma substância frágil e virtual, uma vez que ele só existe porque os indivíduos agem como se ele existisse. Nessa perspectiva, sua origem é, além de muito complexa, é obscura, pois há muitas formas de ele ser identificado.

surge e, ao se colocar em constante interação com o revisor, por meio da função de supervisora, possibilita a ele uma maior interação com os outros, mas sempre numa relação de dependência das regras e das leis que regem o funcionamento do indivíduo em sua relação com o Outro.

Segundo Silva (2009, p. 214), o grande Outro surge durante o processo de individualização do homem – quando ele “separa a si mesmo do resto do mundo”. Marcado como um momento traumático, esse é o momento em que o homem passa a se reconhecer enquanto sujeito e é ‘obrigado’ a abraçar ‘livremente’, como resultado da própria escolha, o que de todo modo lhe foi ‘imposto’ pelo grande Outro que está sempre dirigindo e controlando os seus atos.

Dado ao seu caráter virtual, o grande Outro “só existe na medida em que os sujeitos agem como se ele existisse”. No caso do personagem ora analisado, o grande Outro não tinha uma existência física, agiu sobre a lacuna existente entre a atividade exercida – a de revisor de textos dos outros e o desejo de escrever seus próprios textos porque Raimundo Silva tinha um desejo e se mostrou disposto a dar sua vida por isso, como podemos constatar no momento em que cometeu aquele erro de forma proposital.

Mas esta batalha, desgraçadamente, vai ganhá-la Mr. Hyde, percebe-se pela maneira como Raimundo Silva está a sorrir neste momento, com uma expressão que não esperaríamos dele, de pura malignidade, desapareceram-lhe do rosto todos os traços do Dr. Jekyll, é evidente que acabou de tomar uma decisão, e que má ela foi, com a mão firme segura a esferográfica e acrescenta uma palavra à página, uma palavra que o historiador não escreveu, que em nome da verdade histórica não poderia ter escrito nunca, a palavra Não, agora o que o livro passou a dizer é que os cruzados Não auxiliarão os portugueses a conquistar Lisboa, assim está escrito e portanto passou a ser verdade, ainda que diferente, o que chamamos falso prevaleceu sobre o que chamamos verdadeiro, tomou o seu lugar, alguém teria de vir contar a história nova, e como. (SARAMAGO, 2003, p.44) Grifos nossos.

Após longo período de reflexão sobre se altera ou não a História, Raimundo decidiu pela concretização do seu desejo, conforme descrito no excerto acima, mas é do trecho final ‘alguém teria de vir contar a história nova, e como’ é que advém a nossa constatação da importância da personagem

Maria Sara para a elucidação do enigma do grande Outro sobre o desejo do revisor. Ou seja, essa instância virtual ganhou uma maior dimensão a partir da entrada da personagem feminina Maria Sara na narrativa, uma vez que foi ela quem forneceu as coordenadas a Raimundo Silva para que ele partisse em busca do sentido da sua existência, conforme a exposição que faremos a seguir.

De idade avançada e solteiro, o personagem que alimentava o sonho de escrever suas próprias histórias, de passar do status de revisor dos textos de outros autores para o de autor de suas próprias histórias, é colocado diante de uma situação que altera, não apenas a sua vida profissional, mas também e, principalmente, a sua vida pessoal e amorosa. Tudo começa quando Raimundo recebe o livro que conta a História do cerco de Lisboa para fazer a revisão. Tudo segue sua rotina de revisor: leituras do texto, busca de erros, eventuais e frequentes atrasos e sucessivas cobranças do chefe, até que numa estranha noite de janeiro, Raimundo tece questionamentos sobre a versão dos fatos do fatídico episódio histórico de Portugal e sobre as ações de D. Afonso Henrique, cuja vitória contou com a ajuda dos cruzados. Essas inquietações levam o revisor a acrescentar a palavra “não” em uma dita frase, ou seja, com essa pequena alteração, os cruzados não ajudaram os portugueses a conquistar Lisboa.

Depois de impresso o livro, o “erro” de Raimundo é descoberto. A editora não demite o revisor, publica uma errata, mas contrata Maria Sara, uma ‘senhora’ que irá supervisionar os trabalhos de Raimundo a partir daquele momento. A presença dessa personagem feminina afetará a vida profissional do revisor, que aceitará o desafio proposto por ela, ou seja, o de Raimundo se tornar autor da história do cerco de Lisboa a partir da “não” participação dos cruzados. O revisor, agora autor, tem em Maria Sara uma força que o guiará pelas trilhas das narrativas amorosas ficcionais e reais, uma vez que os personagens da história reescrita – o soldado Mogueime e de sua amada Ouroana – seguirão os rumos da própria história amorosa que os dois manterão.

Conhecida a história do revisor, destacamos que as inquietações e algumas ações do personagem, apesar de metódico, anunciam, desde o início o processo de transformação pelo qual ele passaria:

Raimundo Silva levantou-se menos cedo do que é seu costume, trabalhara pela noite dentro, um serão longo, arrastado, e quando, de manhã, abriu a janela, bateu-lhe este nevoeiro na cara, mais fechado do que o vemos a esta hora, meio-dia, quando o tempo vai ter de decidir se carrega ou alivia, de acordo com a voz popular. (SARAMAGO, 2003, p. 28) Grifos nossos.

Notamos que o narrador dá indícios que o processo de mudança na vida rotineira estava por se iniciar, conforme atestam os trechos em destaques da citação acima, mas a busca por “motivos bastantes de embevecimento” que ele, enquanto revisor não encontrava nos textos, só será intensificada a partir da convocação para a reunião com o pessoal da editora, como algo que fugia à costumeira rotina do revisor, conforme ele mesmo já sabia “está claro que não foi para um encontro com a Produção que a secretária do director o chamou” (SARAMAGO, 2003, p. 72) A vaidade que invade o espírito do revisor é obra do desejo do grande Outro, pois apesar de ter consciência de que cometera um erro, o desejo (que é do Outro) de uma escrita sua ser o centro de todas as atenções é o que prevalece, mesmo que por frações de segundo “Devo estar doido, murmurou, repetindo palavras de há treze dias.” (SARAMAGO, p. 72).

Esses fatos são apenas detalhes que parecem antecipar as profundas mudanças que a presença, inesperada de uma mulher desconhecida, irá provocar em Raimundo e em sua vida, “Raimundo Silva cruza a perna, descruza-a logo, e nesse momento dá-se conta de que não conhece uma pessoa que ali está, sentada à esquerda do director literário, uma mulher.” (SARAMAGO, 2003, p.73). A simples presença daquela mulher, a partir daquele momento, desestabilizaria completamente Raimundo Silva “Aquele à direita é o director da Produção, mas à mulher nunca a viu na editora, Quem será. Disfarçadamente, tenta observá-la, mas o director literário já tomou a palavra,” (SARAMAGO, 2003, p. 74), deixando Raimundo Silva intrigado, não só pelo silêncio sobre o que ela estaria fazendo ali, mas principalmente por sentir a forte presença daquela mulher que continuava calada a observá-lo.

O primeiro contato direto entre Maria Sara e Raimundo Silva é decisivo para a elucidação do enigma do grande Outro sobre Raimundo, uma vez que o diálogo iniciado, a partir da palavra delea-

tur, atesta o conflito instalado entre eles e expõe a vulnerabilidade das palavras do revisor como uma tentativa de se constituir enquanto ser da ordem vigente, principalmente porque não se trata apenas de violar uma regra do Simbólico, como afirmou Maria Sara.

Se me permitem, o que me causa estranheza é que o senhor Raimundo Silva, é este o seu nome, creio, não tenha sequer tentado explicar-nos por que cometeu um abuso tão grave, alterando o sentido duma frase que, como revisor, tinha, pelo contrário, o dever imperativo de respeitar e defender, é para isso que os revisores existem (SARAMAGO, 2003, p.78). Grifos nossos

Relacionamos essa fala da personagem feminina às concepções de Žižek (2010, p. 20) sobre a relação entre o grande Outro e a troca simbólica “quando indivíduos trocam símbolos, eles não interagem simplesmente um com o outro, mas sempre se referem também ao grande Outro virtual.” Ao emitir sua opinião sobre a falha de Raimundo, enfatizamos que não foi apenas sua opinião, uma vez que “(...) nunca é somente uma questão do que eu, você ou outros indivíduos pensam, mas também do que um «alguém” impessoal pensa”, ou seja, o grande Outro, que dirige, guia e fundamenta a existência humana. (ŽIŽEK, 2010, p. 20).

Convém destacar que Maria Sara assumiu este posto de supervisionar o trabalho de Raimundo Silva com a sabedoria, a determinação e a força sutil com que as personagens femininas costumam ser representadas nas obras de Saramago, conforme atesta o trecho em que Raimundo Silva observa que não há marcas de repreensão no rosto dela, o que o deixa intrigado: “Não repararam que precisamente não havia dureza no rosto da mulher, antes um leve sorriso, como se, no fundo, ela estivesse a divertir-se com a situação”. (SARAMAGO, 2003, p. 78). Em outras palavras, Maria Sara (mulher forte, firme, companheira, independente) conduzirá Raimundo Silva para a efetiva busca de realização do seu objeto de desejo – o objeto a, caracterizado como uma “falta”, não de um objeto, mas como aquilo que define o impasse fundamental do ser humano: o desejo daquilo que o Outro deseja. (ŽIŽEK, 2010, p. 18).

Seguindo essa linha teórica, Maria Sara não é nem o desejo nem a causa do desejo de Rai-

mundo Silva, ela é o elemento que, além de proporcionar conforto a Raimundo Silva, leva-o a uma reintegração harmoniosa com o mundo simbólico. Seria, assim, como nas palavras de Silva (2006, p. 216):

Portanto, a mulher em Saramago representa não o “objeto a”, simultaneamente sedutor e assustador, como a mulher fatal dos romances noir, mas sim o falo, no sentido lacaniano, ou seja, o elemento que representa a cura do corte primordial, aquilo que foi “perdido” no instante em que o indivíduo sofreu a entrada no Simbólico, sendo separado da Vontade da Mãe pelo Nome-do-Pai<sup>6</sup>.

Maria Sara, atenta e observadora, percebe, desde o início, que as ações de Raimundo Silva estão relacionadas à relação conflituosa que mantém entre o ofício de revisar e o desejo de escrever suas próprias histórias e já o coloca diretamente diante do conflito: “Este livro é seu, fez uma pausa, demora, e acrescentou, colocando desta vez peso maior em algumas sílabas, digamo-lo de outro modo, esse livro é o seu” (SARAMAGO, 2003, p.95). Com o último exemplar da História do cerco de Lisboa sem a publicação da errata, Maria Sara, ao distinguir ‘Este livro é seu’ do ‘Esse livro é o seu’, anuncia ao revisor que ele já é um autor. Ali está a possibilidade de ele concretizar seu desejo. Com isso, Maria Sara fornece os elementos para a “virada” na rotina de Raimundo Silva, ou seja, dá a ele a oportunidade de sair da solidão, livrar-se de suas angústias e, principalmente, tomar as rédeas de sua própria existência.

As ações e a fala de Maria Sara fazem alusão às concepções de Žižek (2010) sobre o caráter virtual do grande Outro e reiteram que a ideia de que é o fato de saber e de ser informado de tudo, é o que dá consistência à sua realidade. Nesse caso, especificamente, Maria Sara conduz a conversa como uma divindade subjetiva, que conhece a história do revisor (há um dossiê) e ela condiciona a origem

---

6 O Simbólico surge através da internalização do “Nome-do-Pai” (em francês, Nom-du-Père, trocadilho entre “nome” e “não”, de modo que “Nome-do-Pai” também significa a proibição paterna original: o incesto edípico.), portanto através da ruptura com o tempo idílico de comunhão absoluta com a mãe (notemos que mãe e pai, para Lacan, não são necessariamente a mãe e o pai biológicos, mas quaisquer entidades que operem funcionalmente como tais; são categorias simbólicas). (SILVA, 2006, p. 213.

dos conflitos do revisor à dinâmica de funcionamento das leis que regem a vida em sociedade, mas especificamente, às suas atividades profissionais e sociais.

O grande Outro segue observando, controlando e impondo sua presença sob a existência de Raimundo Silva, mas dessa vez sem situações de “trocas de sim pelo não”, conforme propõe Maria Sara:

Não me peça que explique, mais do que senti-lo, vejo-o, foi tudo isso, repito, que se condensou na sugestão que decidi fazer-lhe, E que é, A de escrever uma história do cerco de Lisboa em que os cruzados, precisamente, não tenham ajudado os portugueses, tomando, portanto, à letra o seu desvio, para empregar a palavra que lhe ouvi há pouco. (SARAMAGO, 2003, p. 99).

Dessa vez, o grande Outro estava sendo informado, Maria Sara dá as coordenadas para que o revisor utilize seu espaço Simbólico como um padrão de comportamento contra o qual ele possa ser medido, de forma que situações surpresas ou embaraçosas não provoquem conflitos entre ele e demais os indivíduos. E, parodiando Žižek (2010), reiteramos que a proposta de Maria Sara fora fundada a partir da aceitação e da dependência de uma complexa rede de leis e códigos e de outros tipos de pressupostos que constituem o espaço Simbólico representado, na narrativa, por aquela editora de livros.

Ao aceitar a proposta de Maria Sara e, tomado pelo desejo de escrever a própria história, Raimundo Silva deixa-se guiar por aquela instigante mulher e encara o maior desafio a ele imposto – a construção da sua própria vida, cujo nascimento é metaforizado pelo momento em despeja na pia o frasco da tinta que antes utilizava para esconder os fios brancos que lhe marcavam os cabelos.

Contentemo-nos, portanto, ao menos por agora, com saber que Raimundo Silva, na manhã seguinte à sua ida à editora, e após uma noite de inconciliável espertina, entrou no escritório, agarrou no escondido frasco de tinta do cabelo e, depois de um brevíssimo instante, lugar para a última hesitação, verteu-o inteiro no lava-louças, fazendo em seguida correr águas abundantes que em menos de um minuto fizeram desaparecer da face da terra, literalmente, o artificioso líquido malamente denominado Fonte de Juventa. (SARAMAGO,

2003, p. 109).

A força fundadora do grande Outro, revelada pelo fato de Maria Sara não tingir os cabelos, assusta e envergonha Raimundo Silva - aquela mulher “bem resolvida”, não usava tinturas e assumia, sem problemas, a idade. Diante dessa força, o revisor deseja ser uma pessoa confiante de si mesmo, seguro e, ao esvaziar a tinta do frasco, pretende livra-se também de todas as máscaras que usava até então. Ele surge como um homem novo, livre das “amarras”, mas que se deixará conduzir, efetivamente, pelas mãos do grande Outro.

O processo de produção da reescrita da História do cerco de Lisboa de Raimundo Silva contará com o acompanhamento diário da supervisora. Maria Sara, enquanto grande Outro, cerca o revisor “Boas tardes, senhor Raimundo Silva, Boas tardes, senhora doutora, Como tem passado, Eu, bem, e a senhora doutora, como está, Muito bem obrigada, continuo a organizar o trabalho aqui,” (SARAMAGO, 2003, p. 129). E depois de uma contestação de Raimundo sobre a proposta lançada, ela arremata “Estou descansada, senhor Raimundo Silva, sei que posso contar com a sua colaboração” (SARAMAGO, 2003, p. 129). A fala da personagem provoca em Raimundo uma reação que só comprova o poder de Maria Sara sobre ele.

(...) que fica é a probabilidade, alta, de uma alusão indirecta à famosa sugestão de escrever ele a Nova História do cerco de Lisboa a que, de súbito, e duplamente, se descobria obrigado, não só porque já a começara, mas também porque, com pelo menos igual seriedade, respondera, Não a decepcionarei, e nesse momento ainda não sabia o que estava dizendo. (SARAMAGO, 2003, p. 130).

Maria Sara venceu, o grande Outro pode, enfim operar em Raimundo Silva que se lançara à escrita da história a ele atribuída; mas o processo da escrita é árduo, e era comum depois de algum tempo, o cérebro ficar vazio e, sem palavras para continuar o discurso de D. Afonsos Henriques, Raimundo Silva olhava “outra vez uma página branca, ou negra de palavras sobrepostas, entrecruzadas indecifráveis”. (SARAMAGO, 2003, p. 130). Mas as investidas de Maria Sara atestavam que o revi-



sor, agora autor, nunca estava sozinho, conforme podemos observar nos dois achados sobre a mesa da secretária: uma rosa branca dentro de um solitário e o quadro de aviso com nomes de outros autores colocados na parte de baixo e o nome dele, em destaque na parte superior.

Maria Sara impulsionava mais uma vez Raimundo Silva para a realização de seu desejo. Os objetos e a forma como os traçados gráficos estavam dispostos no quadro, não só alimentaram as ideias para a produção da história, como também marcaram o início do romance que viria a se concretizar mais tarde. Ao se despedirem, Raimundo tocou a rosa e aquele toque fez aflorar em Maria Sara “uma escondida intimidade, daquelas da alma, não do corpo.” (SARAMAGO, 2003, p.153).

A partir daí a produção da história escrita por Raimundo será guiada pelo entrelaçamento de diversos fios condutores, tais como, o acanhamento que a descoberta dos sentimentos que passa a uni-los, o período do afastamento dos dois devido à doença de Maria Sara, a busca por inspiração de Raimundo e seus constantes devaneios. Mas em todas as passagens, a presença de Maria Sara é o fio condutor das duas histórias – a história que Raimundo está escrevendo e a história de vida dele como autor, cuja atuação depende da complexa relação de interação de um ser com os outros seres, por meio da linguagem que os domina e que os constitui sujeitos do mundo Simbólico, mas governados pelo grande Outro, que “age diretamente como o instrumento da vontade do outro”. (ŽIŽEK, 2010, p. 20)

Em outras palavras, são as ações da personagem Maria Sara, dentro do espaço simbólico do personagem Raimundo Silva, que dão sustentação a existência do grande Outro, uma vez que esta mulher passou a povoar sua mente e a ocupar um lugar especial em seu coração. Dessa forma, Maria Sara pode ser relacionada à vida de Raimundo Silva como algo maior – o grande Outro, aquele ser que “assume um papel de fundamental importância: permitir que a relação com as normas e com os padrões da ordem Simbólica entre os indivíduos seja possível.” (ŽIŽEK, 2010, p. 59).

## CONCLUSÃO

O objetivo principal deste estudo foi apresentar, a partir do materialismo lacaniano proposto

por Slavoj Žižek, uma nova proposta de leitura para o romance História do cerco de Lisboa, de José Saramago e, para isso, elegemos a personagem Maria Sara como o fio condutor da existência Simbólica do personagem Raimundo Silva.

Tomando como base referencial inicial a representação da personagem feminina em Saramago, como uma mulher idealizada, sempre amorosa, bondosa, ativa, entre outros adjetivos, destacamos que seguimos a afirmativa de Silva (2006, p. 216) de que a mulher em Saramago é, de fato, uma idealização, mas essa idealização vem representada em outra dimensão.

Analisar a obra, sob esse viés me permitiu repensar a construção da personagem feminina na obra saramaguiana a partir de uma nova possibilidade de interpretação, uma vez que os conflitos vivenciados pelo personagem Raimundo Silva foram tomados como elementos essenciais para explicar a forma como os aspectos exteriores da realidade dos personagens puderam ser associados à tríade – Simbólico, Imaginário e Real em sua relação com o grande Outro, uma instância virtual, uma espécie de Deus que zela por mim ou uma causa, por quem eu daria a vida. (ŽIŽEK, 2010)

No nível do Simbólico, Raimundo Silva percebe que suas atividades como revisor de textos de uma editora não correspondem às imagens que ele projetara para sua vida profissional e, é nesse momento, que ele percebe que há um vazio, uma lacuna que precisa ser preenchida. Esse vazio, impulsionado pelo grande Outro, toma forma nos momentos em que Raimundo Silva tece questionamentos sobre o processo da leitura e da escrita e confronta os valores atribuídos ao ofício dos revisores com os dos autores.

Esses questionamentos, não são só de Raimundo Silva: o grande Outro, a instância virtual (uma causa ou ideologia) que fundamenta sua existência, está ali com ele e o leva a um desejo – o de escrever suas próprias histórias. Impulsionado por essa força, o revisor comete, conscientemente, o erro de colocar um “não” a uma frase que mudaria os rumos da História de Lisboa. Este ato irá alterar o curso natural e rotineiro de sua pacata vida, mas não sem a força de Maria Sara, uma personagem feminina que atuará como um instrumento da vontade do grande Outro.

Contratada para supervisionar os trabalhos de Raimundo Silva, aquela mulher “bem resol-

vida”, confiante e determinada agirá como a força fundadora do grande Outro do revisor. Ela, como uma divindade, guiará os passos do então acanhado e inseguro revisor para a concretização de seus desejos e sonhos. Maria Sara, tal qual o grande Outro ensinará Raimundo Silva a desejar e ela fornecerá as pistas e a inspiração para que ele reescreva a história do cerco de Lisboa e também a própria história de sua vida.

Em História sobre o cerco de Lisboa (2003), Maria Sara surge como uma força fundadora do homem. Ela é responsável pelo crescimento e fortalecimento de Raimundo Silva. Desprovida de traços heroicos e/ou divinos, a personagem Maria Sara, ao oferecer as bases de sustentação do grande Outro, torna-se “o fundamento de toda a existência, o ponto de referência que fornece o horizonte supremo de significado” ao mundo simbólico de Raimundo (ŽIŽEK (2010, p. 18).

## REFERÊNCIAS

MOISÉS, Massaud (dir.). A literatura portuguesa em perspectiva. São Paulo: Atlas, 1992.

ROANI, Gerson Luiz. No limiar do texto: Literatura e História em José Saramago. São Paulo: Annablume, 2002.

SARAMAGO, José. História do cerco de Lisboa. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de São Paulo, 2003. Uma coleção idealizada e produzida por MIFANO COMUNICAÇÕES – Brasil e MEDIASAT GROUP – Espanhol. 319 p.

SILVA, Marisa Corrêa. Materialismo Lacaniano. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Orgs.). Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3. ed. rev. e ampl. Maringá: Eduem, 2009. p. 211-216.

ŽIŽEK, Slavoj & GLYN, Daly. Arriscar o impossível: conversas com Žižek. Tradução Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ŽIŽEK, Slavoj. Como ler Lacan. Tradução: Maria Luzia X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.